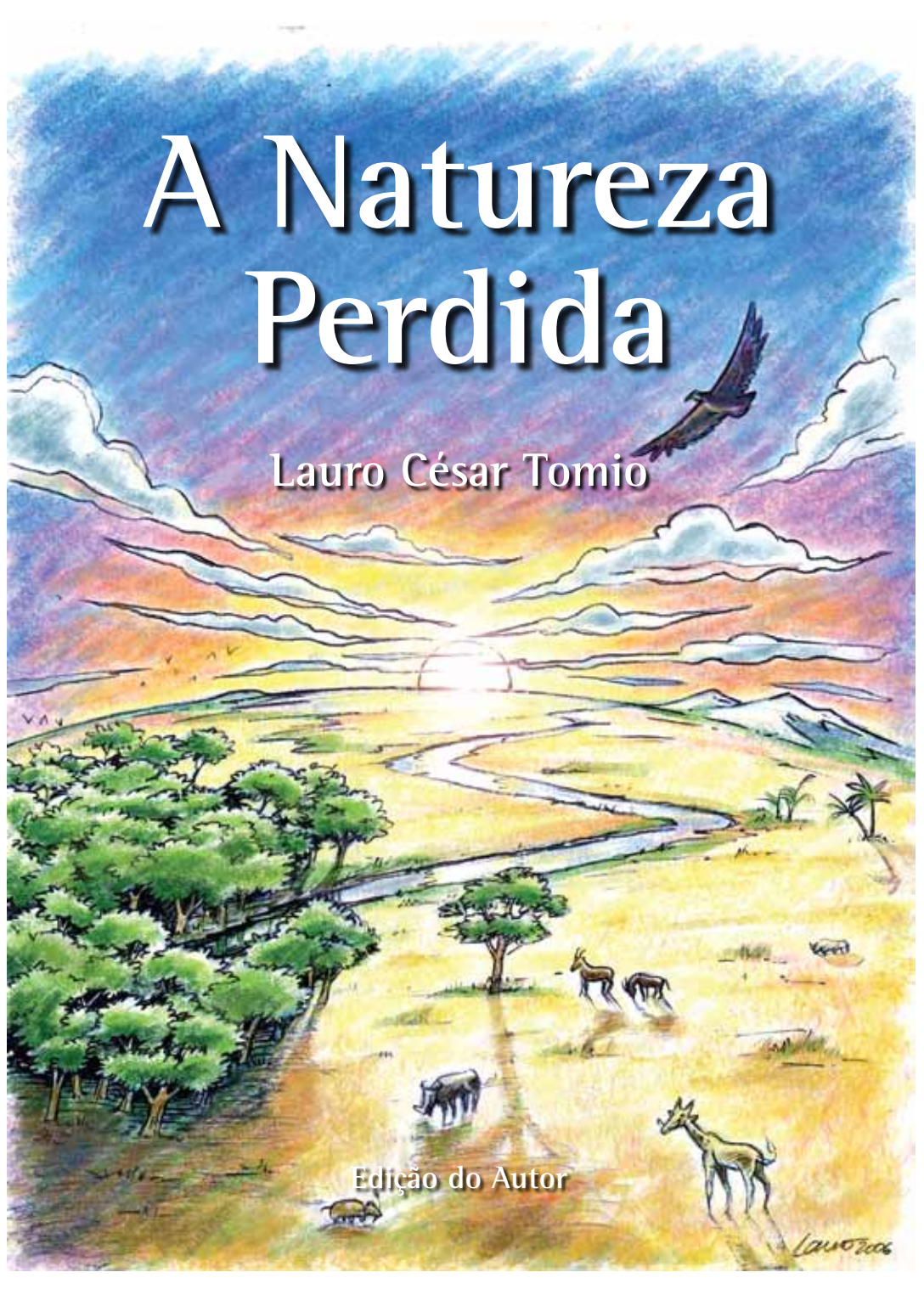


A Natureza Perdida

Lauro César Tomio

Edição do Autor

Lauro 2006



A natureza perdida

LAURO CÉSAR TOMIO

A Natureza Perdida

1ª edição

São Paulo
Edição do autor
2010

Copyright © 2010 Lauro César Tomio
ISBN: 978-85-911449-0-7

Capa, ilustrações, diagramação e projeto gráfico
LAURO CÉSAR TOMIO

Revisão
AGNALDO HOLANDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tomio, Lauro César
A natureza perdida / Lauro César Tomio. --
1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2010.

ISBN 978-85-911449-0-7

1. Contos - Literatura infantojuvenil
I. Título.

10-12697

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Nota: Edição publicada de acordo com o novo
Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Edição do autor
1ª edição
2010

A todas as árvores que acolheram nossos antepassados e que hoje em forma de livros, acolhem todos os nossos sonhos, memórias e ensinamentos. Aos meus queridos afilhados: Amanda, Vanessa, Lucas, Gabriela e Bruno. A todas as crianças e animais, que nos mostram como viver em harmonia com a natureza, e em especial para meu filho Guilherme, o qual antes mesmo dele nascer, sonhava em contar essa historinha para que ele pudesse entender sua verdadeira natureza.

SUMÁRIO

Os macacos	9
O leão	13
A zebra	17
Os porcos	21
Os elefantes	27
A hiena	35
O gliptodonte	41
As aves	49
O hominídeo.....	59
A águia	65
O espírito humano.....	73

Primeira parte

Os macacos

Era uma vez, numa “era” bem distante, um ardipitheco entediado, ou melhor, um bicho entediado muito parecido com um macaquinho que viveu na África há mais de cinco milhões de anos atrás. Sua casa era uma imensa árvore onde habitavam muitos de sua espécie. Essa árvore ficava dentro de um bosque, ao lado de outras espécies de árvores, ricas em folhas e frutas diversas, e também às margens de um rio volumoso.

Ninguém de sua espécie jamais havia ousado pisar em terra firme, onde habitavam bichos ferozes e outros animais gigantesco. Eles faziam tudo na copa das árvores, saltando de uma para a outra sempre que procuravam comida, água ou proteção. Até mesmo para beber água eles se penduravam em um galho sobre o rio e utilizavam as mãos em concha. Não que não fosse possível alcançar a água com a boca, mas sim porque isso era uma medida preventiva, já que no rio habitavam milhares de pequenos peixes, aparentemente inofensivos, porém extremamente ferozes e com uma fome insaciável – eram peixes mais ou menos parecidos com as piranhas atuais dos rios amazonenses.

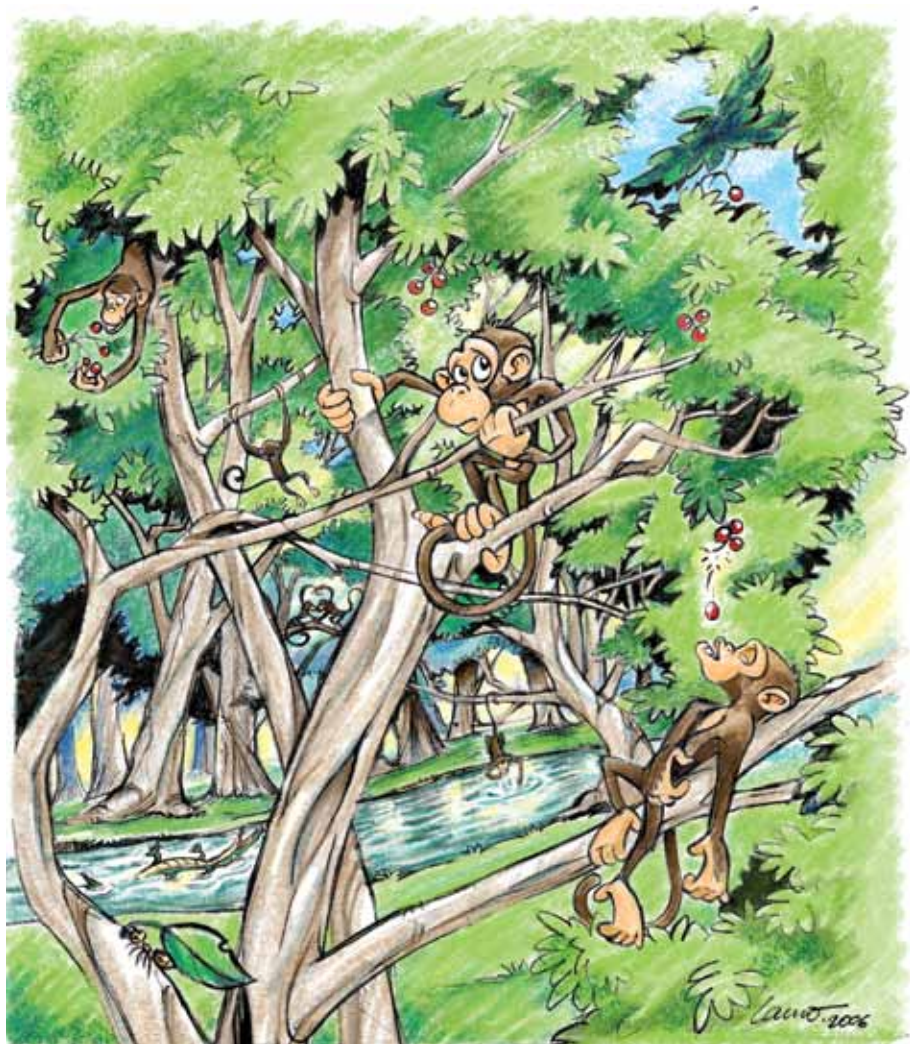
Você deve estar se perguntando se é falso aquele ditado “Em rio que tem piranha, macaco bebe água de canudinho e jacaré nada de costas”. Pois é verdade! Porém, só nos dias de hoje que

os macacos aprenderam a usar canudinhos. Temos que levar em consideração que essa história é de cinco milhões de anos atrás e eles tiveram que perder muitos dedos até descobrirem a funcionalidade desse bendito canudinho. No entanto, os jacarés, esses sim, em rio que tem piranha, já nadavam de costas desde aquela época.

A vida do macaquinho desta nossa história não era das piores, mas sem dúvida era muito sem graça, pois comida tinha em abundância e para ele nada faltava. Os frutos, às vezes, caíam em sua boca até mesmo quando ele estava dormindo. A única preocupação parecia vir do céu, onde de vez em quando pairava e grasnia uma enorme águia ameaçadora que sempre fazia o macaquinho tremer de medo ao vê-la. Porém, o que nenhum macaco sabia era que a real ameaça que vinha do céu eram os frutos, aparentemente inofensivos: eles caíam à noite na goela dos macacos, asfixiando-os quando estavam dormindo. Isso, de fato, evitava uma superpopulação de macacos no bosque, já que o único predador que poderia alcançá-los, a águia, atacou apenas uma única vez em toda história dos Ardipithecus.

Agora, o que realmente parecia tornar a vida dos macacos do bosque interessante eram as constantes brigas entre os machos para conquistar a posição do macho Alfa, ou melhor, do grão-primata-mor, de modo a atrair a simpatia de todas as macaquinhas. Isso poderia ocorrer à custa de muitos romances secretos, intrigas, promessas e traições. E também, como não deveria faltar, com muitas exibições de poder, para o delírio das macaquinhas – qualquer semelhança com novela é mera coincidência evolutiva.

Como o macaquinho em questão era o mais feio, atrapalhado e raquítico macaco do grupo – só restava a ele no máximo representar apenas um mero papel de coadjuvante nos episódios de “briga de poder” –, sua auto-estima vivia lá embaixo e ele sofria muito por isso. Então, não tendo o que fazer, ele vivia vigiando o céu, já que numa eventual investida da águia ele com certeza seria a primeira vítima fatal.



Ignorado por todos, inclusive por sua mãe, ele procurava se entreter isoladamente: brincando com os insetos ou sonhando um dia ser tão importante quanto o grão-primata-mor e de ter a admiração e o amor de todas as macaquinhas do bosque – coisas de adolescente. Mas ele mesmo sabia que isso era impossível, já que ele era um raquítico macaquinho desengonçado, portanto sem chances de sequer conquistar qualquer coisa na vida, nem mesmo uma certa macaquinha da sua idade, pela qual ele era apaixonado.

O que restava para ele, senão sonhar e ficar todos os dias olhando para o céu com medo da águia?

Segunda parte

O leão

Numa bela manhã o macaquinho foi acordado por um som diferente. Era um rugido de um dente-de-sabre, ou melhor, um leão. Um leão esbelto e musculoso recém-chegado na savana nas redondezas do bosque. Era a primeira vez que o macaquinho via um leão, enquanto os outros macacos mais velhos sabiam que se tratava de um bicho que não subia em árvores.

Assustado e impressionado com a visão dourada do recém-chegado – meio assim como se estivesse vendo um avião pela primeira vez – o macaquinho não tirou mais os olhos daquele leão desgarrado e da savana pela qual o enorme bicho podia andar tranquilamente.

Enquanto os outros macacos não davam a mínima para o recém-chegado, continuando suas vidas normalmente, o macaquinho – sem nada para fazer e encantado com o leão –, começou a assistir a vida dele todos os dias, sem perder nenhum capítulo importante.

Depois de alguns dias observando atentamente o leão, o macaquinho chegou a uma conclusão muito reveladora: A vida soberana do leão era sem dúvida muito mais empolgante do que a vida dele e de todos os outros macacos.

O macaquinho via como o leão podia andar livremente pela savana, totalmente seguro de si, impondo respeito e medo em todos. O leão conseguia caçar animais bem maiores que ele próprio, para depois matar a sua fome com aquela carne vermelha – e era isso o que mais empolgava o macaquinho.

O cardápio do leão era variado: um dia comia um giráfideo, outro dia uma zebra, no outro um filhote de toxodonte, e para o leão a tarefa de capturá-los parecia ser uma diversão. O leão comia com tanto gosto que, certamente, aos olhos do macaquinho, aquilo deveria ser bem mais saboroso do que as folhas e frutos que ele comia o dia inteiro.

Por vezes, quando o leão comia aquela carne vermelha, o macaquinho babava com o desejo de saber como seria ele na pele do leão, saboreando aquela carne viva recém-capturada. Ele se perguntava que gosto teria aquilo. “Será que, se eu comesse animais, poderia me tornar um leão?”

E foi assim, absorto nessas ideias e vontades, que o macaquinho deixou de observar o céu com medo, para cobiçar a terra e a vida na savana.

O que faltava para ele ter essa vida desgarrada e soberana do leão? Garras ele tinha, dentes e pêlos também; era tão ágil quanto o leão, tinha um rugido... feroz? Bem, isso na verdade ele não tinha, mas treinava de vez em quando com seus parentes próximos. Isso lhe rendeu a fama de macaquinho caduco. Ai de quem se aproximasse do galho dele quando estava inspirado. Logo soltava um guincho histérico para apavorar o infeliz distraído. E, caso aquilo não surtisse o efeito desejado, ele pulava em cima do outro, da mesma maneira que o leão fazia com suas presas.

Esse comportamento o deixava cada dia mais isolado do grupo, que não entendia por que ele agia dessa maneira tão estranha. Mas, como o macaquinho não causava nenhuma ameaça para o grão-primata-mor, ele o tolerava no grupo, até porque se divertia em ver o macaquinho caduco atazanando a vida dos seus cobiçosos adversários mais jovens.



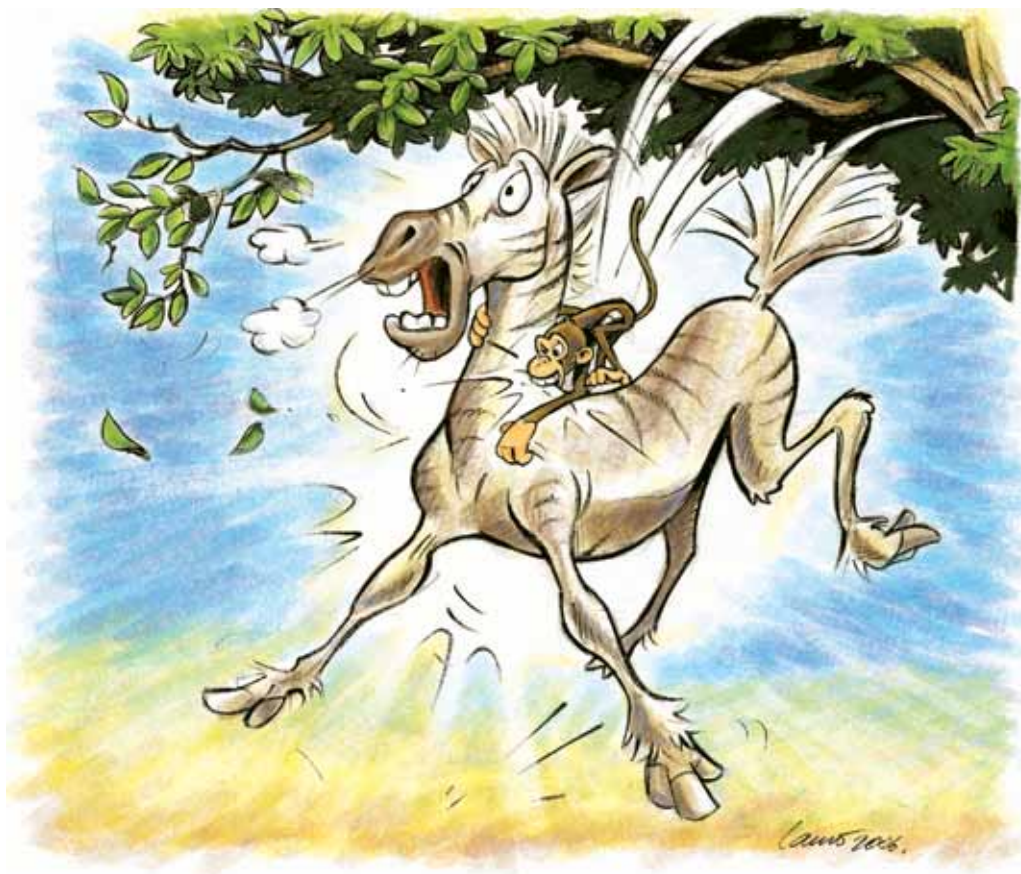
Terceira parte

A zebra

Ao meio-dia, três meses após o surgimento do leão, uma zebra parou bem embaixo da árvore onde o macaquinho caduco morava, para descansar ali na sombra. O leão estava dormindo, depois de ter almoçado um antílope, e com certeza não oferecia perigo algum para a zebra. O dia estava lindo e tranquilo. Os macacos também descansavam após terem se fartado de tantas folhas e frutos – exceto o macaquinho raquítico, que deixava de comer só para ficar vendo como o leão vivia. A zebra estava feliz por não ter sido o almoço do leão e por ter encontrado umas folhas saborosas na árvore em que os macacos viviam. Mas algo que a zebra não sabia era que o macaquinho caduco, naquele dia, estava realmente muito inspirado.

Pois não é que o macaquinho, naquele instante, ao ver a zebra bem embaixo dele, resolveu que aquela era a oportunidade ideal para mudar o rumo de sua vida? Mal sabia ele que, a partir daquele dia, não estaria mudando só a sua vida, mas também a de todo o planeta. Num gesto totalmente insano e inesperado, o macaquinho guinchou que nem um leão e saltou em cima da zebra, mordendo o pescoço dela! Nessa hora, todos os animais do bosque e da savana despertaram, inclusive o leão, com o relinchar apavorado da zebra e o guinchar histérico do macaquinho caduco.

Com o susto, todos os pássaros levantaram voo; os macacos, achando que o macaquinho endoidara de vez, pulavam e guinchavam nas árvores euforicamente; as zebras, ao ver sua colega naquela cena patética, correndo apavorado com um insignificante macaco preso em seu pescoço, choravam de rir; e o leão tratou logo de voltar a dormir, pensando que aquilo não passava de mais um sonho bobo.



Mas o macaquinho era persistente e não largou de jeito algum o pescoço do pobre animal, que não via escolha a não ser seguir o que seu instinto protetor falava, em caso de ser atacado: “Corra!... Corra!... Corra!... E não pare, se quiser viver!”. E seguindo seu instinto foi levando o macaquinho e ele próprio para bem longe.

O bosque, a cada segundo, ia se perdendo ao longe na linha do horizonte e a savana ia se alargando. Logo não se via mais nada além de savana e algumas pequenas árvores solitárias, ficando para trás o bosque e todos os animais que o macaquinho conhecia. Mas ele não estava nem aí com aquilo – sua maior preocupação naquele momento era se tornar um verdadeiro leão. E para isso ele ficaria o dia inteiro, se fosse preciso, atracado ao pescoço da desesperada zebra, com seus inexpressivos caninos, até que conseguisse abatê-la.

E foi assim que a zebra, com o macaquinho grudado em seu pescoço, correu desesperadamente por mais de meia hora em linha reta sob o sol forte do meio dia, até que desmaiou e se espatifou no chão totalmente exausta. No baque da queda, o macaquinho foi arremessado para longe, arrancando um pedaço de pele do pescoço do pobre animal. Ao se recuperar da queda, de início o macaquinho pensou que tivesse perdido a zebra, porém ao vê-la desfalecida com a língua para fora não pôde se conter de tanta alegria por ter conseguido abater a sua primeira presa. Para saborear o momento vitorioso, ele tratou logo de mastigar o naco da zebra que havia conseguido arrancar na queda, para ver se aquilo era mesmo tão saboroso quanto as frutinhas vermelhas que ele comia o dia inteiro. Mas, para sua total decepção, o que começou a mastigar na verdade tinha mais pêlos do que qualquer

outra coisa, além de apresentar um gosto horrível e ser muito fedido, fazendo-o cuspir fora.

Isso tudo não o desanimou, pois afinal ele agora era um leão – na verdade, um leão vegetariano, mas livre para andar na savana. Assim, satisfeito em sua nova condição, ele guinchou como um leão e, imitando os movimentos dele, circundou a sua caça em sinal de posse.

Só que esse momento vitorioso do macaquinho não durou por muito tempo, pois surgiu de repente uma grande sombra aterrorizante no formato daquilo que ele mais temia ver em toda sua vida. Era a sombra de uma enorme águia no céu, mais precisamente um *argentavis* – com sua asa de sete metros de envergadura, sendo a maior ave voadora que já existiu –, para o desespero do macaquinho que não imaginava que aquela águia, que ele tanto temia e às vezes via pairando sobre o bosque, fosse tão grande. Nessa hora ele entrou num estado de choque, sem saber o que fazer a ponto de não conseguir fugir. Achando que era o fim, permaneceu paralisado no mesmo local vendo toda sua vida passar num piscar de olhos. Mas neste mesmo piscar de olhos, a águia agarrou a zebra desfalecida no chão e alçou voo, levando-a por entre as nuvens. Depois de três minutos vendo sua vida passar que o macaquinho finalmente percebeu que não fora o eleito da imensa ave. Isso em sua cabeça era uma prova de que ele havia se tornado realmente um leão e agora inspirava medo e respeito em todos os animais. Ai de quem se aproximasse dele agora!

Mas onde estavam todos? Nessa hora ele reparou que não conhecia aquele lugar, pois para onde quer que olhasse só via savana e nada mais.

Quarta parte

Os porcos

Por um tempo, o macaquinho andou pela savana sem avistar nada e estava começando a sentir medo e aflição. Ele não sabia do que tinha medo, já que agora ele era um leão, mas sabia que não conseguiria vencer o sol e a fome e que precisava voltar para o bosque para encontrar comida, sombra e água fresca. Mas só o que seus olhos enxergavam era um horizonte sem fim de savana.

Até que, como se fosse uma miragem e para sua alegria, o macaquinho avistou uma pequena árvore solitária bem ao longe, o que o motivou a correr ao encontro dela. Porém, o que ele não sabia era que num declive, entre ele e a árvore, haviam três *dinohyus*, ou melhor, três porcos selvagens dos grandes, tentando sem muito sucesso capturar um ratinho em sua toca.

Ao vê-los, o macaquinho procurou conter seu espanto, mas não se intimidou e passou por entre eles tranquilamente, fazendo pose de leão, sem se desviar um milímetro sequer de sua trajetória. E, para completar a façanha, guinchou como um leão, depois de avançar uns três metros à frente deles.

Os porcos entreolharam-se atônicos, por um instante paralisados, mas logo trataram de correr atrás daquela comida fácil que acabara de passar por eles. Sem entender nada, o macaquinho parou,

encarou-os e guinchou como um leão ainda mais alto, no entanto sem alcançar o efeito desejado. Nessa hora, aí sim, ele guinchou como um “macaco desesperado” e tratou de correr, da maneira quadrúpede mais atrapalhada possível, rumo à árvore salvadora.



Facilmente os porcos, com suas patas acostumadas a correr o dia inteiro pela savana, conseguiram alcançar o macaquinho. Mas eles eram incrivelmente burros perante os reflexos rápidos e a agilidade do macaquinho, que conseguiu se esquivar até alcançar a pequena árvore, pulando desesperadamente num dos galhos. Os porcos agora nada podiam fazer a não ser observar, frustrados, o macaquinho rindo e balançando no galho, com as pernas fazendo sinal de banana para eles.

O macaquinho nunca imaginou que fosse gostar tanto de voltar para uma árvore, mas também nunca imaginou que o galho em que ele estava pendurado fosse tão fraco a ponto de começar a ceder, para desespero dele e alegria dos porcos.

A situação era totalmente nova para ele. Mesmo ele sendo tão leve, o galho rompeu, rodopiou no ar e se espatifou lá embaixo, com ele ainda segurando o galho. Nessa hora, veio à mente do macaquinho a imagem do leão abatendo a zebra, e aos poucos aquela cena logo se transformou em outra nada confortante, com ele imaginando-se sendo abatido, não só por um, e sim por três leões. Não tão diferente do que estaria para acontecer...

Só que, após a queda, o esperado abate final não aconteceu.

O macaquinho ficou com os olhos fechados durante um bom tempo, até que a poeira baixou, e ele pôde perceber que nada havia acontecido com ele, mas sim com os porcos. Um deles parecia ter desmaiado e os outros dois tremiam igual vara verde.

“Será que finalmente eles notaram que sou um leão?”

Essa pergunta e outras passavam pela cabeça do macaquinho, que não entendia a situação de ver os dois porcos, novamente atônitos, olhando para ele e para o porco desfalecido não acreditando no que acabavam de presenciar. Até que o macaquinho parou para pensar o que poderia ter acontecido com o porco desfalecido. Foi aí que ele reparou que o galho quebrado, que ele ainda estava segurando, havia acertado o porco bem em cheio – como um porrete.

“Puxa! Que coisa bacana essa que estou segurando!”, pensou ele, entusiasmado, sem acreditar no que havia feito sem querer. Então, a fim de confirmar para os porcos que ele havia

usado o pedaço de galho “premeditadamente”, para acertar o porco que agora estava ali caído, ele se levantou calmamente, tirou a poeira do corpo, encheu o peito e bateu o galho no chão várias vezes, guinchando como um leão. Isso causou desespero nos dois porcos restantes, que fugiram para longe, grunhindo histericamente.

Agora ele era o “Uh uh Oooh!”¹ da savana e, pulando e circundando a mais nova presa, levantou o pedaço de pau para o céu e guinchou “Hic hic uh uh uh ah ah ah!”. (Para quem não entende ardipitecanês, ele guinchou “Hic hic uh uh uh, eu tenho a força!”.)

Mas a sua auto-estima nas alturas logo se espatifou no chão, ao ver a águia gigante grasnando novamente lá no alto. Aquela visão o deixara atento. Dessa vez, ele não queria que a ave levasse seu troféu embora, então começou a pular, guinchar e gesticular de todas as maneiras possíveis com seu porrete, tentando espantá-la. Só que isso teve efeito contrário, pois sua barulheira acabou, sim, chamando a atenção da águia, que antes pairava distraidamente no céu. Surpresa ao ver o macaquinho sinalizando um porco desfalecido – como se a estivesse chamando para um banquete grátis – ela desceu com tudo em direção ao solo e, ignorando-o totalmente, agarrou o porco e alçou voo, sumindo rapidamente por entre as nuvens.

Ao ver a águia indo embora com o porco, o macaquinho ficou endoidecido, por um instante protestando contra o céu. Mas ele logo se aquietou, pois estava com muita fome, sede e cansaço, depois de um dia extremamente doido e agitado.

¹ *Uh uh Oooh!*, expressão usada pelos *ardipithecus* para indicar a posição de “todo poderoso”. Muito comumente usado pelos jovens *ardipithecus* ao se referir ao grão-primata-mor.

Por uma grande sorte, além da árvore havia também uma pequena poça d'água, provavelmente o que sobrou de um lago, onde ele pôde beber um pouco de água antes de subir na árvore, levando consigo o pedaço de galho quebrado, ou melhor, o porrete.



Quinta parte

Os elefantes

Durante três meses e um dia, a pequena árvore solitária na savana, sem frutos e com relativa abundância de folhas, ficou sendo a moradia do macaquinho. Ao longo desse período, ele se alimentou das folhas da árvore e ficou na espreita com seu porrete, o qual nunca mais largou, aguardando uma caça fácil, que fosse se alimentar da árvore, ou simplesmente descansar em sua sombra. Mas durante todo esse tempo, para frustração do macaquinho, por ali não passou absolutamente nenhuma coisa viva que se pudesse caçar. E ele, para não ficar caduco, conversava o dia inteiro com seu porrete – esse objeto, visto de um certo ângulo e com um pouco de imaginação, parecia uma cabeça de macaco sorrindo, como se tivesse debochando do amigo.

Era nessas horas de solidão extrema que ele se lembrava do bosque e das coisas que ele havia perdido em sua aventura de se tornar um leão. Ele sentia muita falta das brincadeiras, dos frutos que comia e principalmente de certa macaquinha com quem sonhava todas as noites.

Finalmente, depois de três meses e um dia, a única coisa ainda viva naquele lugar era ele próprio, pois exatamente naquela manhã ele havia comido a última folha que restava na árvore e passou o dia inteiro com fome e calor, naquela árvore seca no meio da savana.

No dia seguinte, ele resolveu ir embora. Não havia mais nenhuma folha que o prendesse àquele lugar, como também nenhum animal procuraria sombra e comida naquela árvore, totalmente devorada por ele. E depois, ele precisava voltar para o bosque – até mesmo para poder mostrar às macaquinhas que ele agora era um leão. Quem sabe assim elas não dariam mais importância a ele. Então, o macaquinho encheu o peito de coragem e, como um leão, voltou a andar pela savana, abandonando a árvore solitária e levando consigo o porrete em uma das mãos.

Ele andou de um jeito tripode, com o porrete apoiado em suas costas, segurado por uma das mãos, durante três dias. E nada de encontrar uma árvore grande ou qualquer outro animal. Sem comer durante três dias, às vezes por sorte matando a sede em poças d'água – mas totalmente exausto e esgotado pelo sol, com a savana que não parecia ter fim –, ele finalmente desistiu e desmaiou. Aquele parecia ser realmente o fim do macaquinho pretensioso que sonhava um dia ser um verdadeiro leão, mas que não conseguia viver sem o bosque.

E durante muito tempo ele ficou ali, inconsciente.

Tudo havia perdido o sentido e sua mente estava num estado indeciso – ele não sabia se deveria seguir ou não a luz que o chamava –, até que algo aconteceu. A terra começou a tremer! Era um tremor rítmico, mas que de repente fez um estrondo forte como se algo estivesse rompendo o chão. Isso fez o macaquinho abrir os olhos e recobrar a consciência. E o que ele viu foi uma enorme presa levantando um

punhado de terra, como uma escavadeira, abrindo uma pequena cratera ao seu lado. É claro que no início ele não entendeu nada do que viu – assim como você não está entendendo nada agora –, mas logo tudo ficou claro, quando ele se levantou com o pouco de força que lhe restava, e viu um enorme trilofodante comendo aquilo que acabara de arrancar da terra ao seu lado, o que parecia ser a raiz de uma plantinha seca bem comum na savana.

Mas aquele não era o único trilofodante. Era um grupo inteiro de trilofodantes que estava passando por ali. O macaquinho ficou contemplando, durante algum tempo, os trilofodantes arrancando e comendo aquelas raízes por onde passavam. Até que resolveu experimentar aquilo que eles comiam com tanto gosto. Ele se arrastou até o buraco aberto ao seu lado e, com um pouco de receio e nojo, comeu algumas raízes que haviam sobrado. E para a sua surpresa aquilo era muito saboroso! Isso o motivou a procurar mais raízes em outros buracos abertos logo adiante. Após comer um bom bocado, ele já se sentia bem melhor e se animou para acompanhar a jornada dos trilofodantes, seguindo a trilha de buracos que eles deixavam para trás.

Os trilofodantes, como o nome sugere, foram os ancestrais dos elefantes atuais. Eles eram grandes e tinham uma tromba esquisita e larga, com grandes presas achatadas no maxilar inferior, justamente para extrair raízes do solo, como uma pá.

A vida dos trilofodantes consistia em encontrar os pequenos lagos de savana, guiados pela fantástica memória da trilofodonta mais

velha. Ao chegar a um lago, eles bebiam da sua água e se banhavam até ele se transformar num grande lamaçal, em apenas um dia, fazendo-os no dia seguinte sair novamente para encontrar outro lago.

Isso tornava a vida dos trilofodantes uma jornada sem fim, já que eles nunca iriam encontrar um imenso lago que comportasse todos sem se transformar num lamaçal. Outro detalhe: eles acabavam andando em círculo, guiados pelo saudosismo da trilofodonta, que sempre queria rever os imensos lagos que vira em sua infância – os quais, na verdade, eram pequenos lagos que, vistos por ela quando pequena, pareceram imensos. Desse modo os lagos, após a visita dos trilofodantes, normalmente voltavam a ficar cheios depois de alguns meses, mas nunca imensos.

Infelizmente para o macaquinho, ele não encontraria nenhuma árvore nesse traçado em círculos que os trilofodantes faziam durante gerações e gerações, pois todas as árvores que existiram naquele trajeto os ancestrais dos trilofodantes derrubaram para comer suas raízes. Talvez isso explicasse o porquê de eles serem tão grandes.

O macaquinho seguiu durante três meses os trilofodantes e já era capaz de identificar a planta que continha a raiz saborosa, mas vivia se lamentando por não ter as mesmas presas enormes para cavar o solo.

Até que, no nonagésimo primeiro dia acompanhando os trilofodantes, ele teve a brilhante ideia de usar o porrete como se fosse uma presa. Primeiro ele tentou, com sua genialidade limitada, imitar os trilofodantes, tentando cavar segurando o porrete em sua boca, mas logo desistiu ao ver que ficaria banguelo se tentasse mais uma vez. Desiludido, ele parou um instante ao lado da planta e se apoiou no porrete.

Ao fazer isso, o porrete afundou na terra como uma pá, fazendo-o cair de lado, ao mesmo tempo em que extraía a planta da terra. Quando viu aquilo, o macaquinho se levantou, pegou a raiz inteirinha do buraco que acabara de fazer e catou o porrete. Olhou as duas coisas e se sentiu um “total idiota-mor”, por ter demorado tanto tempo para pensar naquilo. O segredo era usar o seu peso para cavar, utilizando a perna para apoiar seu corpo e as mãos para empurrar o pedaço de pau para dentro da terra.



Depois desse episódio, ele começou a usar o porrete como pá, não precisando mais correr atrás das migalhas deixadas pelos trilofodantes, já que ele mesmo poderia desenterrar uma raiz inteira só para ele.

Bem alimentado e feliz com sua nova ferramenta, ele seguiu os trilofodantes durante mais três meses, só que agora pegando sua própria comida. Até que numa das lagoas, nas quais ele também aproveitava para beber água – sempre utilizando suas mãos em concha –, ele reparou nos trilofodantes brincando na água e como eles usavam suas pequenas trombas, para bramir um som agradável – parecido com o som de um clarinete – e ainda para beber água sem precisar de ter mãos. Foi aí que duas coisas surgiram na mente do macaquinho. Primeiro, uma saudade imensa de sua família e principalmente das macaquinhas, das brincadeiras com seus amigos. Segundo, um desejo enorme de ter uma tromba igual ao dos trilofodantes. De qualquer forma ele tentou se enturmar. Pegando, de um capim próximo ao rio, um caule oco – parecido com um canudo –, ele colocou aquilo em sua boca, para simular uma tromba, e saiu pulando na água rasa ao encontro dos trilofodantes, tentando a todo custo “bramir” como eles. Com isso ele apenas conseguiu ser repreendido, ao invés de ser aceito na festa, pois o barulho que o canudo fazia, ao ser assoprado, era igual ao de uma corneta amassada.

E foi assim que surgiu, para desespero dos vizinhos do mundo todo, a primeira corneta de que se tem notícia. Provavelmente, se o macaquinho não estivesse se sentindo tão solitário, os macacos de hoje estariam bebendo água de canudinho desde aquele dia, já que ele teria se atento mais a essa utilidade peculiar da tromba dos trilofodantes.

Essa rejeição o fez pensar na coisa mais sensata depois de três meses após a descoberta da pá, e ele guinchou: “Uga bonga?!?”. (Para quem ainda não se familiarizou com o ardipteacanês, ele guinchou “Por que diabos estou seguindo esses bichos?!?”.)

Ele não precisava mais dos trilofodantes para extrair sua comida e tampouco fazia parte da família deles. Ele tinha mais era que estar procurando o bosque que havia deixado para trás, para mostrar às macaquinhas que agora ele era um leão. E, pensando assim, naquele exato momento resolveu seguir outra direção. Nenhum trilofodante sentiu sua falta. Porém, um jovem trilofodante presente ali naquele dia, ao escutar o barulho que o macaco fizera com a sua corneta, achou o som muito bacana. Ele tentou imitá-lo várias vezes, até que o costume se perpetuou em gerações e gerações de trilofodantes.

Esse comportamento estranho acabou por alongar a tromba dos trilofodantes, transformando-os nos elefantes atuais, com suas trombas alongadas e sofisticadas que bramem perfeitamente como cornetas amassadas.

Sexta parte

A hiena

Após deixar os trilofodantes, o macaquinho andou durante dois dias, sem encontrar nada além de savana. Até que no terceiro dia avistou uma pequena rocha solitária no horizonte, levemente arredondada. Como ele estava perdido mesmo, resolveu ir ao encontro dela.

Ao se aproximar da rocha, que não era tão pequena quanto imaginava – era mais ou menos do tamanho de um automóvel desses de hoje, talvez um fusca –, ele reparou que encostada nela havia uma planta rasteira muito estranha, com um caule grosso e grandes espinhos em sua ponta, o qual não deu tanta importância, pois naquele instante ele estava mais interessado em subir na rocha para ter uma visão melhor do local.

No topo da rocha, ele olhou em todas as direções para ver se enxergava alguma coisa que não fosse apenas savana e nada mais, e realmente ele conseguiu avistar uma coisa diferente! Do mesmo modo, permanecer ali no alto contribuiu para que a coisa diferente reparasse nele também. Inicialmente, o macaquinho pensou ter visto um leão solitário, o que o deixou bastante entusiasmado – afinal, agora ele poderia seguir um leão e aprender a se comportar como tal. Mas sua expectativa logo foi por terra, quando viu que não se tratava de um leão e sim de uma hiena, que naquele instante corria ao encontro dele, babando que nem doida.

Ele já havia visto no bosque uma hiena sendo repreendida pelo leão no dia que ela tentou roubar-lhe a caça e também sabia que elas só perseguiam animais pequenos como ele. Como o macaquinho não queria cometer o mesmo erro de achar que todos os animais já o reconheceriam como um leão, como no episódio dos porcos, ele se escondeu instintivamente atrás da rocha. Mas no mesmo segundo ele se lembrou de que carregava consigo um porrete, justamente para se defender em momentos como esse. E, num excesso de segurança, encheu o peito como um leão e subiu de novo na rocha, decidido a encarar o bicho que se aproximava rapidamente. Então, segurando o porrete com as duas mãos, como se estivesse esperando o lançamento de uma bola de baseball, ele aguardou firme a aproximação da hiena, decidido a acertá-la na cabeça. A hiena, que não comia há três dias e não acreditando na refeição fácil, chegou num piscar de olhos onde o macaquinho se encontrava e foi logo saltando na rocha para agarrá-lo. O macaquinho, devido a sua total falta de treino, em vez de acertá-la na cabeça, arremessou o porrete para bem longe, para a felicidade total da hiena.

Aquele foi um momento muito triste para o macaquinho e de extrema felicidade para a hiena, que via o porrete voando para longe, totalmente alucinada com isso. Você deve estar se perguntando o porquê da felicidade da hiena, da mesma maneira que ela se perguntou depois. Felicidade porque a hiena, ao ver o porrete voando para longe, resolveu naquele instante, guiada pelo seu instinto “duvidoso”, seguir o pedaço de pau, em vez de correr atrás do macaquinho, o que a deixou bastante feliz. Esse comportamento é um dos maiores mistérios da natureza:

por que diabos os cachorros largam tudo, inclusive comida, para correr atrás de um pedaço de pau? Mas logo a hiena parou e refletiu – a sua linhagem não tinha nada a ver com a dos canídeos, apesar de viver como eles, e sim com uma descendência comum com a dos felídeos, o que talvez explicasse seu comportamento estranho e suas constantes crises de identidade. Esse fato também deixou confusos durante muito tempo os arqueólogos, e que nada disso vinha ao caso, pois naquela hora ela se lembrou que deveria estar seguindo o macaquinho.

Por sua vez o macaquinho, ao notar a grande besteira que havia feito e vendo a hiena retornando com o porrete na boca, entrou em pânico. Ele já não tinha mais a segurança do porrete e não viu escolha a não ser se esconder novamente atrás da rocha, agachando-se com os olhos fechados, esperando que algum milagre acontecesse e a hiena fosse embora. Foi aí que algo muito estranho aconteceu.

Sem que ele percebesse, a rocha estranhamente se moveu para o lado, deixando-o totalmente exposto para a hiena. E ao entreabrir um dos olhos, para seu desespero total, o macaquinho se viu totalmente à mercê dela, tão próxima, que a ele só restou fechar os olhos novamente e se encolher todo para o abate final. Mas, em vez de ter sido abatido, ele apenas escutou um baque, um urro, e o barulho de um pedaço de pau cair no chão ao seu lado.

Assustado, sem entender nada, ele abriu os olhos novamente e viu a hiena cambaleando, tentando se levantar do chão, e percebeu que o porrete estava ali ao seu lado.

“Mas o que aconteceu?”, pensou ele.

Só que a hiena, não tida por satisfeita e totalmente enfurecida,

voltou com tudo e dessa vez se lançou, não em cima do macaquinho, mas sim da rocha, que para assombro dele se mexia. A cena era apavorante e para ele totalmente sobrenatural. Ele via a hiena montada em cima da rocha e a rocha balançando a coitada – como se ela fosse um cowboy montado em um touro bravo em dia de rodeio. E, para completar, a planta esquisita, com espinhos gigantes, que brotava da pedra, tentava acertá-la, sem muito sucesso, já que seu caule não era tão comprido a ponto de alcançar no topo da pedra.

Nessa hora o macaquinho percebeu que, na verdade, a rocha não era uma rocha, e sim um bicho muito estranho, mais precisamente um gliptodonte. Sua aparência lembrava os atuais tatus, mas com uma armadura rígida, igual às das tartarugas. Além da armadura, o bicho ainda possuía uma cauda em formato de clava, com uma grande arma espinhosa na sua ponta. Como se fosse uma maça medieval.

O macaquinho, vendo o gliptodonte tentando derrubar a hiena a todo custo para conseguir acertá-la com seu rabo espinhoso, resolveu agir. Pegou uma pedra do chão e jogou na hiena, acertando-lhe na cabeça, o que ajudou o pobre animal a botar a cabeça no lugar e refletir um pouco sobre a sua vida. A hiena, por um instante, se lembrou de sua mãe, que sempre dizia “Não brinque com o gliptodonte! É muito perigoso!”; e, mais recentemente, “Vá atrás de sua comida! Um marmanjão desse tamanho, vivendo ainda à minha custa!”. Nessa hora a hiena focalizou o macaquinho e se tocou que deveria estar correndo atrás dele e não montada em um gliptodonte.

Sem demorar mais um segundo com aquela palhaçada, a hiena

saltou ao encontro do macaquinho, que se perguntava naquele instante por que havia atirado a pedra. Ao ver mais uma vez a hiena saltando do gliptodonte, praticamente em cima dele, o macaquinho fechou os olhos e novamente se encolheu todo para o abate final. Porém mais uma vez, em vez de ter sido abatido, ele apenas escutou um baque, um urro e o som do porrete que tinha em suas mãos cair no chão.



Quando abriu os olhos, tremendo que nem gelatina mole, o macaquinho viu a hiena desfalecida ao seu lado e o gliptodonte abanando seu imenso rabo espinhoso em formato de clava. O alívio foi imediato.

Por um tempo ele ficou admirando aquela criatura que o salvou e também se sentiu muito feliz por ainda estar vivo para poder continuar a ser um leão. E se gabando por ter ajudado o gliptodonte, ele guinchou como um leão e circundou a hiena morta, em sinal de posse, já que o gliptodonte não deu a mínima importância para o que fez. Mas o macaquinho não podia deixar de ficar admirado com aquele animal – parecido com um tanque de guerra – que escapou do ataque da hiena sem nenhum arranhão. Ele não podia deixar de invejar a grande armadura do gliptodonte que o protegia de ataques de carnívoros, do sol escaldante e de águias iguais àquela que pairava sorrateiramente naquele instante, acima das nuvens, na mesma direção do sol.

O macaquinho não podia acreditar que lá estava ela de novo para vir roubar seu troféu. Inconformado, correu para pegar o porrete, mas logo desistiu de encará-la, ao lembrar de sua envergadura, em vez disso indo atrás da proteção do gliptodonte, que já caminhava bem à frente, sem dar a mínima importância a nada. Seguindo os passos e a sombra do gliptodonte, o macaquinho apenas pôde contemplar seu troféu sumindo por entre as nuvens, nas garras daquela águia gigante.

Aquilo já estava se tornando algo previsível e chato.

“Por que ela não caça sua própria comida, como fazem leões como eu? Toda vez ela vem e rouba minha presa, mas da próxima vez eu pego essa águia!”, pensou o macaquinho.

De qualquer modo, agora ele estava se sentindo mais protegido ao lado do gliptodonte, que por sinal também comia raízes como ele.

Sétima parte

O gliptodonte

O macaquinho andou pela savana durante três meses ao lado do gliptodonte, passando a maior parte do tempo em cima dele, sem que o animal se incomodasse com isso, até porque ele gostava da companhia do macaquinho, que o distraía com seu jeito atrapalhado.

Durante esse tempo, eles enfrentaram o calor, chuvas de matar passarinho, tempestades de pedregulhos e até um ataque de uma libélula gigante. Sempre o macaquinho ficava desprotegido ao relento, enquanto o gliptodonte, protegido por sua armadura, esperava tranquilamente a intempérie passar.

O macaquinho estava começando a se cansar da savana. Durante todo o tempo que esteve naquele ambiente não sentia que estava em casa. Dormia mal, suava o dia todo, não tinha com quem guinchar e, o pior, nunca encontrava nada que pudesse caçar como um leão. Nessas horas ele sentia que tinha que voltar para o bosque. Mas como? Ele nem sabia onde estava e sempre que tentava encontrar o bosque acabava perseguido por animais ferozes. Sendo assim, parecia ser mais prudente seguir o gliptodonte do que se arriscar a andar novamente sozinho pela savana.

Só que dia após dia, ao lado do gliptodonte, sua inveja crescia,

não por ele estar sempre protegido dentro daquela armadura e sim por conseguir comer coco.

O coco era justamente a maior diversão do gliptodonte. Às vezes eles encontravam um coqueiro ao lado dos pequenos lagos no caminho, e o gliptodonte não perdia tempo: batia com sua cabeça no tronco da árvore para fazer cair uns cocos no chão, abrindo-os facilmente com uma pancada do seu rabo – usando-o literalmente como um martelo. Agora a diversão do gliptodonte não era comer o que tinha dentro do coco e sim ver o macaquinho tentando abrir o coco de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Por várias vezes, o macaquinho tentou usar o porrete do mesmo modo que o gliptodonte usava seu rabo para abrir o coco. Mas sempre sem êxito durante todo esse tempo.

Até que no nonagésimo primeiro dia acompanhando o gliptodonte, lá estavam eles novamente embaixo de um coqueiro, ao lado de um pequeno lago. Eram muito frustrantes esses momentos para o macaquinho, que tinha de se desviar dos cocos que caíam em cima do gliptodonte, este sempre protegido pela sua armadura. Mas naquele dia ele teve uma brilhante ideia! Em vez de ficar lá embaixo, enfrentando a chuva de cocos, sabendo mesmo que não se deliciaria comendo-os, resolveu subir no coqueiro para ajudar a arrancá-los. Assim o gliptodonte não precisaria mais dar cabeçadas no coqueiro e ele evitaria a chuva de cocos enquanto fizesse esse serviço.

Depois de um tempo lá em cima do coqueiro, enquanto o gliptodonte quebrava e comia os cocos, ele avistou uma rocha no meio da savana ali próxima, e resolveu descer para ir ver de perto aquele seu

achado. Não querendo correr risco, resolveu chamar a atenção do gliptodonte para acompanhá-lo até a rocha. Àquela hora o gliptodonte já havia comido todos os cocos do chão e, não tendo nada para fazer, resolveu segui-lo. Ao chegar perto da rocha, para espanto de ambos, repararam que aquilo não se tratava de uma rocha, e sim de outro gliptodonte – ou pelo menos o que restou dele, no caso, só a armadura, que deveria estar ali abandonada fazia bastante tempo.



O macaquinho, não acreditando na sorte daquele achado, guinchou e saltou entusiasmado ao reparar que a armadura estava oca e

que ele poderia se apossar dela para utilizá-la da mesma maneira que o gliptodonte. Então, sem perder tempo, entrou nela para sentir pela primeira vez a proteção que era oferecida somente ao gliptodonte. Agora ele nunca mais estaria exposto ao sol, às chuvas, às tempestades e principalmente aos predadores, podendo andar tranquilamente pela savana como o gliptodonte, que aliás seguia viagem naquele exato momento.

Mas quem disse que ele conseguia andar com aquela armadura bem maior que ele e extremamente pesada? Vendo que o gliptodonte continuava sua peregrinação, sem ter dado a mínima importância ao achado, o macaquinho se desesperou e tentou de todas as formas possíveis levantar a enorme estrutura, porém sem conseguir deslocá-la um milímetro sequer. E foi tomado por um desespero ainda maior, pois via que o gliptodonte continuava andando, que o macaquinho guinchou pedindo para ele esperar. Este, ignorando totalmente os chamados, continuou andando. O macaquinho, naquele ponto, não sabia se ficava com a proteção da armadura ou acompanhava o gliptodonte, que seguia viagem sem dar a mínima para ele. Nessa hora ele foi tomado por um sentimento de abandono, o mesmo que sentiu ao ser abandonado pela mãe quando ela não quis mais cuidar dele.

Foi aí que ele percebeu que poderia se proteger sozinho, já que agora tinha uma armadura igual à do gliptodonte. O único problema é que ele teria que se acostumar com o local, que não parecia hospitaleiro, mas nada que uma boa faxina não pudesse resolver.

E foi assim, vendo o gliptodonte sumindo no horizonte, que o macaquinho fez da armadura a sua casa.

Aquela casa possibilitava algo novo para ele. A estocagem de raízes. Em vez de ele ter que ficar procurando raízes o dia todo, ele agora podia passar a maior parte do tempo protegido dentro da armadura. Toda manhã ele saía para procurar raízes nas imediações e voltava por volta do meio-dia, cheio de raízes em sua mão, o que o forçava a andar desajustadamente de forma bípede, já que na outra mão ele levava a pá que usava para extrair as raízes do solo. Mas essa tarefa aparentemente simples era na verdade extremamente complexa, pois ele nunca conseguia dar mais de três passos sem cair, tendo que apanhar as raízes do chão a cada três passos que dava. Mesmo assim ele conseguia estocar uma boa quantidade de raízes dentro da armadura, o que o deixava livre o restante do dia para praticar o seu esporte predileto: arremesso de coco.

Nada abria aquela coisa. Do lado de fora da armadura podia-se ver uma infinidade de cocos que o macaquinho recolhia e não conseguia abrir. Alguns chegavam até a brotar, oferecendo um broto saboroso. Mas mesmo assim ele insistia em tentar conseguir abrir os cocos.

E foi dessa forma que ele viveu por três anos naquele local, que no princípio era apenas savana, mas que no decorrer desses anos ele transformou num pequeno bosque de coqueiros, em função de sua total incompetência em abrir os cocos que ele largava por ali. Acabou oferecendo abrigo e sombra para os passarinhos e dando um clima aconchegante para a região – como um oásis no meio do deserto.

Até que, no primeiro dia do terceiro ano morando naquele pequeno paraíso, ele finalmente teve a brilhante ideia de usar uma pedra grande que recolhera de um lugar próximo para tentar abrir um coco.

Durante a noite – após acordar de mais um de seus sonhos de disputa de forças com o gliptodonte, em que ele finalmente vencia o embate abrindo o coco usando apenas a força do pensamento –, o macaquinho havia se lembrado de como o gliptodonte usava seu rabo para abrir os cocos; percebendo que faltava algo duro e pesado na ponta do porrete, resolveu tentar usar dessa vez uma pedra bem pesada.

Primeiro o macaquinho tentou segurar a pedra com seu rabo, coisa impossível por aquela parte de seu corpo estar muito fraca devido à falta de uso. Depois tentou encaixar a pedra na ponta do porrete, também sem muito sucesso. Sem muita paciência, largou o porrete e tentou arremessar a pedra com as duas mãos contra o coco. Sua tentativa não produziu o efeito esperado de abrir o coco, e sim de quebrar a pedra ao meio. Furioso, com a metade da pedra ele tentou novamente, arrancando apenas um pedaço de casca seca – o que já era um avanço. Entusiasmado, tentou de novo, só que desta vez errando o alvo e lascando com tudo no outro pedaço de pedra caída no chão, quebrando novamente ao meio a pedra que segurava e gerando faíscas que atingiram o pedaço de casca seca. Com a reação produzida, podemos dizer que ele foi o primeiro bicho na face da terra a atear fogo nas coisas.

Ao ver aquela coisa brilhando, algo misterioso que ele nunca havia visto antes, queimando o pedaço de casca seca, ele tentou pegá-lo. Logicamente, o macaquinho queimou o dedo e tentou esfriá-lo instintivamente assoprando e abanando a mão como um leque, para ver se aliviava a dor latente, mas conseguiu com isso apenas apagar o fogo, que sumiu tão rapidamente quanto apareceu. Se ele tivesse aproveitado aquele fogo de outra maneira, como por exemplo

para aquecer seu alimento, facilitando a sua mastigação e digestão desde aquela época, os macacos hoje estariam numa fase evolutiva em que não mais precisariam dos dentes, e teriam cérebros gigantes super nutridos, capazes de criar ferramentas tecnológicas fantásticas, como micro computadores minúsculos conectados diretamente no corpo.

Depois desse incidente, ele pegou o pedaço de pedra maior, a essa altura com forma circular e plana, e não querendo cometer o mesmo erro tentou encaixar a pedra na ponta do porrete. Para seu espanto, desta vez ele conseguiu, abrindo um buraco bem no meio da pedra circular, criando algo que parecia uma roda de pedra encaixada num eixo de madeira. Era justamente aquilo que ele estava tentando criar, e sem perder tempo usou-a da melhor maneira possível, segundo pensava, arremessando-a com tudo contra o coco, como se fosse um martelo. Bem, se ele tivesse utilizado o que acabava de criar, por exemplo, como uma roda, os macacos hoje já estariam numa fase de disputas de terras em solo marciano.

Infelizmente, aquele golpe não conseguiu abrir o coco; apenas fez estilhaçar a pedra em vários pedaços pontudos.

Furioso com o fiasco do martelo, o macaquinho guinchou em um tom ranzinza e se recolheu dentro da armadura, deixando os cocos e as pedras lascadas no chão.

Oitava parte

As aves

No dia seguinte, o macaquinho saiu cedo para procurar raízes e, ao voltar, para seu espanto, ele notou que todos os cocos, com exceção de alguns, estavam quebrados! Ele também viu uns vultos, indo em direção à armadura, e ouviu uns arrulhares dentro dela. Sem perder tempo, ele largou as raízes, empunhou o porrete e entrou com tudo na armadura, que para seu novo espanto estava lotada de dodôs. Os dodôs eram uma espécie de pomba gorda, do tamanho de um ganso, com um grande bico em formato de machado e asas atrofiadas, sendo assim uma ave que não podia voar, desajeitada e feia.

Para piorar, o macaquinho reparou que as raízes que ele havia guardado dentro da armadura estavam sendo devoradas pelos dodôs, que olhavam para ele com a maior cara-de-pau e de dúvida. Era um verdadeiro bando de dodôs: dava para contar mais ou menos uma dúzia deles entulhados dentro da armadura. Sem acreditar no que estava vendo e beirando à loucura, o macaquinho avançou com seu porrete para cima dos dodôs, enxotando-os para fora de sua casa. O que se seguiu não se pode dizer que foi uma revoada de pombos, mas sim uma tropeçada de dodôs, uns em cima dos outros, enquanto fugiam desesperadamente para fora da armadura, seguidos pelo macaquinho.

Ao voltar, o macaquinho tratou de se recompor e recolheu os poucos cocos que ainda estavam inteiros do lado de fora para dentro da armadura. Em seguida, ao sair de novo para ver se os dodôs ainda estavam por perto, ele acabou avistando outro bicho, parecido com um dodô, mas muito maior e ameaçador. O bicho era um titanis, uma ave assassina que também havia perdido sua capacidade de voar, com asas atrofiadas, armado com um bico mortal (afiado como uma espada e forte o suficiente para esmigalhar ossos) e com uma peculiaridade só dele: era uma ave que possuía garras na extremidade das asas, permitindo-lhe segurar seus alimentos, do jeito que estava fazendo naquele exato momento: ele estava segurando um dos dodôs fugitivos e se banquetecendo com sua presa.



Hipnotizado com aquela cena aterrorizante daquele bicho extravagante, que mais parecia um pequeno Tiranossauro Rex e que ele nunca tinha visto antes, o macaquinho ficou paralisado durante alguns segundos. Foi tempo suficiente para que os dodôs aproveitassem para entrar de novo na armadura.

Ao se recuperar do impacto, o macaquinho, percebendo que não era nem um pouco seguro ficar do lado de fora da armadura, correu para dentro de casa, a qual – de novo para sua ingrata surpresa – estava infestada de dodôs. Desta vez, pelo menos, não havia tantos dodôs quanto da primeira vez que ele os surpreendeu; eram apenas meia dúzia, mas mesmo assim muito inconvenientes, pois já estavam arremessando seus bicos contra os poucos cocos que o macaquinho havia levado para dentro da armadura. Furioso com a situação e morrendo de inveja dos dodôs, que abriam facilmente os cocos ao meio, usando seus grandes bicos afiados como machado, ele tentou salvar alguns cocos, sem muito sucesso. Por mais que ele tentasse agarrar um coco, não conseguia, pois os dodôs eram bons de perna, rolando os cocos de um lado para outro, como se estivessem brincando de bobinho com o macaquinho no centro da roda. Até que ele avistou um coco esquecido num canto, agarrando-o desesperadamente – como se aquele fosse o último coco gelado do deserto.

Recolhido num canto, dentro da armadura, segurando o coco e o porrete, o macaquinho refletia sobre a situação pitoresca na qual ele se encontrava naquele instante. Ele não poderia enxotar os dodôs para fora, pois chamaria a atenção do titanis; também não

poderia sair para procurar alimento, enquanto o bicho estivesse lá fora. Ele via lá fora os dodôs que não estavam dentro da armadura, comendo as raízes que ele havia deixado cair quando voltou da coleta de manhã, e um pouco mais adiante, o titanis devorando um deles. Pelo visto, os dodôs não se tocavam do perigo que corriam enquanto fossem movidos pela sua fome insaciável. Só restava então para o macaquinho, que estava morrendo de fome, depois de uma manhã inteira de coleta, tentar conviver com os dodôs e abrir o coco que segurava, já que era a única comida que havia sobrado para ele.

Vendo a facilidade que os dodôs tinham para abrir os cocos, com seus bicos afiados, ele se lembrou das pedras afiadas, resultado de sua última tentativa frustrada de abrir um coco. Sem perder tempo, e com muita cautela, ele rastejou para fora da armadura e recolheu algumas pedras pontudas, voltando em seguida para dentro do abrigo. Depois, ele selecionou a pedra mais parecida com o formato da ponta do bico dos dodôs. Descartando qualquer possibilidade de segurar a pedra pontuda com a boca, ele tentou em princípio abrir o coco batendo-a com as mãos contra o coco, apenas conseguindo se cortar ao invés de abri-lo, e isso o fez guinchar de dor. Em seguida, tentou algo revolucionário para sua época: segurou a pedra pontuda em cima do coco – como se fosse um prego – e bateu o porrete contra a pedra – como se fosse um martelo –, para ver se enfiava a pedra dentro do coco. Porém o resultado foi justamente contrário: ele acabou enfiando, sim, a pedra no porrete. Quando o macaquinho levantou o porrete, com a pedra fincada na parte superior – parecendo um pequeno machado –, desesperou-se e começou a chorar. Então, numa

mescla de cansaço, desespero e revolta, ele lançou com tudo o pequeno machado contra o coco, abrindo-o ao meio, como num passe de mágica!

O macaquinho, não acreditando em seu próprio grande feito, pulou e guinchou de alegria como um doido dentro da armadura, erguendo o machado para o alto e olhando maravilhado para o objeto. Quebrar um coco era algo que ele vinha tentando fazer há três anos e naquele dia finalmente havia conseguido com a ajuda daquele instrumento inusitado. Até que enfim ele poderia provar aquela coisa branca dentro do coco que o gliptodonte comia com tanto gosto. Mas quando ele olhou para baixo, seco para provar o coco aos seus pés, o que ele viu foi um dodô, com o último pedaço daquela coisa branca e saborosa em seu bico, olhando para ele com a maior cara-de-pau.

Não há necessidade de contar o que aconteceu em seguida. Podemos dizer que o macaquinho ficou um pouco alterado e que mesmo fora da armadura era possível ouvir arrulhares e turturinares histéricos dos dodôs, com algumas penas voando para fora. Digamos que, naquele dia, o macaquinho faminto e movido pelo instinto de vingança finalmente aprendeu a caçar como um leão e a saborear a carne que agora ele conseguia cortar com o machado. Para sua grata surpresa, a carne era muito saborosa. Agora ele entendia o porquê de o leão e os outros animais, como o titanis ali do lado de fora, se esforçarem tanto para conseguir capturar uma presa.

Nessa época os dodôs foram caçados facilmente até a sua quase extinção. Mas mesmo assim essa espécie conseguiu sobreviver durante cinco milhões de anos. Isso graças a um pequeno grupo de dodôs

que encontrou uma formação montanhosa perto de uma praia, com várias árvores e frutos – e também graças à ajuda providencial da mãe Natureza. Esse grupo – por sinal descendentes do único casal de dodôs que conseguiram escapar ilesos das garras do titanis e do machado do macaquinho –, ao chegar à montanha paradisíaca, foi pego de surpresa por um grande terremoto que sacudiu toda a região. Esse terremoto rachou a terra, abrindo um enorme desfiladeiro que, tomado pela água, separou em poucos segundos o pedaço de terra montanhosa onde estavam do restante do continente, transformando o local numa ilha fresquinha, recém-saída do mais novo mapa geológico da Terra daquele dia. Essa ilha é o que hoje conhecemos como as ilhas Maurício, que em decorrência dos sucessivos, sucessivos, sucessivos terremotos ocorridos durante séculos e séculos e séculos e séculos, foi se afastando cada vez mais do continente, estando hoje num local totalmente remoto no meio do Oceano Índico.

Lá, durante cinco milhões de anos, não existindo qualquer predador que os ameaçassem, os dodôs prosperaram num verdadeiro paraíso para qualquer espécie burra ou desajeitada. Isso durou até a chegada dos famintos navegadores portugueses, que perdidos com suas caravelas encontraram a ilha sem querer. Além de se banquetear com aquela ave fácil de capturar, introduziram ratos e outros bichos espertos na ilha, acabando com toda a comida e tranquilidade que os dodôs tinham para sobreviver. Como durante todo esse tempo eles não evoluíram, quem sabe para uma ave voadora ou mesmo uma ave nadadora, os dodôs acabaram finalmente sendo extintos em apenas dois séculos após a chegada do ser humano na ilha.

Depois de três semanas, não se viam mais dodôs dentro ou fora da armadura, apenas ossos e penas espalhados nas proximidades e em frente da casa do macaquinho. Tanto o titanis como o macaquinho estavam bem gordinhos e só se interessavam em dormir o tempo todo para fazer a digestão. O macaquinho, acostumado a comer somente folhas, raízes e frutos, teve cólicas monstruosas, não conseguindo se levantar durante os três dias seguintes. Mas, depois desses três dias, os dois se revigoraram e a fome voltou com tudo para ambos, além de que o macaquinho estava também morrendo de sede. Ele sabia que teria que sair de casa de qualquer jeito para beber água. Foi aí que ele traçou um plano mirabolantemente burro: aproveitaria uma distração do titanis para ir sorrateiramente até o lago, beberia um pouco de água tranquilamente, subiria no coqueiro e traria alguns cocos para se alimentar, já que agora ele sabia abri-los e também porque estava morrendo de curiosidade para saber o gosto daquilo. Não tinha como dar errado!

Com esse plano em mente e aproveitando que o titanis estava dormindo, ele se lançou à empreitada levando consigo o machado. Chegando ao lago, ele bebeu um pouco de água tranquilamente (como previsto no plano), vendo apenas seu reflexo na água que ele agitava ao usar suas mãos em concha, porém de repente ele se deteve em um outro reflexo. Era o titanis, com o típico olhar faminto, ali ao seu lado. Nessa hora o macaquinho resolveu mudar todo o plano: em vez de beber a água tranquilamente, pularia para a próxima etapa do plano da maneira mais desesperada possível. Com esse novo plano em mente, guinchou histericamente e saiu correndo, de forma trípode, para o coqueiro mais próximo dali. Por sorte, o titanis não

conseguia subir em árvores, e tampouco sabia voar; o macaquinho subiu no topo do coqueiro e acabou ficando por lá o dia todo, com o titanis de tocaia, mas pelo menos ali estava seguro e vivo.

No dia seguinte o macaquinho, entediado e morrendo de fome e cansaço, resolveu tentar abrir um coco com o machado lá no alto mesmo. Não tinha como dar errado, era só mirar bem no meio do coco e pronto! E foi o que ele fez, só que errou totalmente o alvo por pura falta de prática; acertou foi o cacho que sustentava os cocos, fazendo todos os cocos caírem no chão de uma só vez, para desespero dele e do titanis, que dormia embaixo do coqueiro e que fora surpreendido por uma dúzia de cocos em sua cabeça.

Ao ver o que havia feito sem querer ao titanis, que naquela hora estava totalmente desfalecido, o macaquinho desceu da árvore e vibrou de alegria; pois agora tinha tudo que queria: carne, coco e água em abundância. Ele nunca havia estado tão feliz em toda a sua vida. Agora ele realmente era um leão de verdade, e poderia, graças ao seu machadinho, se saciar com a carne daquele bicho. Mas, ao levantar seu machado para dar o arremesso de misericórdia contra o titanis, ele ouviu algo que o paralisou. Era novamente o grasnar da águia gigante, que pairava logo acima dele e descia com tudo em sua direção. O macaquinho nada pôde fazer, a não ser se esconder na copa do coqueiro e ver novamente a águia agarrando sua presa e levando-a para as nuvens. O ódio dele contra a águia era tanto, que ele não sabia mais como xingá-la. Mas dessa vez ele tinha pelo menos os cocos para consolá-lo.

E não perdendo tempo, ele desceu da árvore, para finalmente com seu machado, abrir um coco e provar aquela coisa branca dentro dele.

Tamanha foi a sua assombração ao ver, pasmo, que aquele fruto tão difícil de abrir, aquele fruto que ele levou anos tentando abrir, oferecia somente uma água adocicada e um pouquinho daquela coisa branca, que para ele era extremamente sem graça.

Aquele dia que parecia ser o dia mais feliz de sua vida, havia se tornado, num piscar de olhos, no dia mais frustrante de toda a sua vida.

Nunca mais ele quis saber de saborear os malditos cocos, abandonando o seu esporte predileto e dando outra utilidade para eles.

Nona parte

O hominídeo

Depois do último incidente com as aves, o macaquinho meio que definiu um estilo de vida próprio e incrivelmente inteligente. Ao sair ele não deixava mais a entrada da armadura aberta, fechando-a sempre com seis pedras grandes, as quais empilhava na frente da entrada. Toda manhã, ele saía para procurar raízes e voltava com todas elas enroladas no machado com uma corda feita do couro de uma cobra. Nem é preciso dizer que ele aprendeu a carregar as raízes dessa maneira após ter sido enrolado pela mesma cobra que agora servia de corda para ele. Ao voltar para casa, mais ou menos ao meio dia, ele comia as raízes e bebia um pouco d'água sem mais precisar ter que ir ao lago, já que ele acabou dando aos cocos essa finalidade nata de servir como potes d'água – ele agora armazenava a água do lago nos cocos para poder beber dentro de casa na hora que quisesse. À tarde, ele saía de novo para explorar a região e também para caçar com seu machado; ao voltar, ele dava um pulo até o lago e enchia os cocos vazios novamente d'água, para depois se recolher dentro da armadura. Quando conseguia capturar algum animal, ele o comia à noite, mas nos três dias seguintes ficava deitado dentro de casa, devido às fortes cólicas que sempre sofria depois desse tipo de jantar.

E assim, que ele levou a sua vida por mais três anos no meio da savana. Agora ele já não era mais um macaquinho raquítico, medroso e atrapalhado, e sim um macaco esbelto, forte e corajoso, ou seja, um homínídeo de verdade – ou melhor, o primeiro homínídeo de verdade. Seu estilo de vida era totalmente peculiar na época em que viveu. Nenhum outro ser na face da terra tinha um estilo de vida igual ao dele. Nesse seu estilo de vida, ele tinha um pouco de leão, zebra, trilofodante e gliptodonte, ou seja, ele tinha coragem, liberdade, técnica e proteção, mas só não tinha uma coisa fundamental para todos os animais: uma parceira para que pudesse namorar e ter filhos.

Todas as noites ele sonhava em encontrar o bosque e seus parentes próximos, assim como obter a admiração das macaquinhas. Ele se perguntava: “Como devem estar todos?”, “Quem será que é hoje o grão-primata-mor?”, “Será que eu teria chance de conquistar o posto?”. Mas todos esses questionamentos esbarrava numa só questão crucial: “Agora que tenho tudo isso, será que realmente quero voltar para a árvore?”.

A vida que ele levava agora era muito mais empolgante. Todos os dias ele aprendia algo novo e tinha sensações novas. Era um mundo totalmente novo e inexplorado por ele. Sempre quando saía à tarde, descobria paisagens, frutas, plantas, raízes e animais diferentes. Aquilo tudo era algo que ele não queria deixar de explorar, nem gostaria de viver em outro lugar que não fosse sob a proteção que a armadura lhe oferecia.

O que o hominídeo não sabia – até porque seu estilo de vida não era afetado por isso – é que nosso planeta, naquela época, estava passando por uma drástica transformação climática. Períodos de secas eram cada vez mais constantes naquela região e as florestas estavam dando lugar à savana, levando à extinção muitas espécies que viviam nas florestas. E isso se aplicava diretamente aos seus parentes e ao lugar que desejava rever, o bosque – que uns poucos anos antes de ele nascer era uma grande floresta e já em decorrência dessa mudança climática se transformou num simples bosque.

O bosque àquela altura já não era mais o mesmo, nem era mais um bosque e sim um apanhado de árvores sobreviventes. O rio já não era mais volumoso, e os poucos macacos que restavam viviam brigando pelas últimas folhas das árvores restantes. Para piorar, o leão que vivia na região arrumou uma companheira, e eles geraram três filhos saudáveis, que viviam de tocaia, esperando algum macaquinho descer ou cair da árvore, enfraquecidos pela fome. Aquela vida mansa dos macacos do bosque tinha se transformado, durante todos aqueles anos, num verdadeiro martírio. A fome era tanta, que já não existia mais a figura do grão-primata-mor e todos estavam preocupados mais com os seus próprios umbigos e no dia de amanhã, do que com a necessidade de ter filhos e se perpetuarem como espécie. Em suma, a vida não era mais interessante para os macacos do extinto bosque e logo eles estariam extintos para sempre da face da Terra.

Mas o hominídeo, alheio a tudo isso, acordou mais uma vez num belo dia de manhã e saiu da armadura para se espreguiçar. Logo em

seguida, pegou seu machado, fechou a entrada da armadura com as seis pedras e se embrenhou na savana para procurar raízes. O dia estava perfeito, ele havia encontrado bastante raízes e descoberto uma fruta espinhosa extremamente deliciosa, um abacaxi, o qual ele abriu com seu machado e se banqueteceu pelo restante da manhã.

Ao voltar para casa, um som o deteve.

Não era um relinchar, grunhido, bramido, urrado, arrulhado, ou tampouco um grasnado, mas sim algo que ele esperava ouvir fazia muito tempo. Era um rugido. Mas não era um rugido solitário, e sim estéreo, vindo de três lugares ao mesmo tempo, do lado esquerdo, direito e em suas costas.

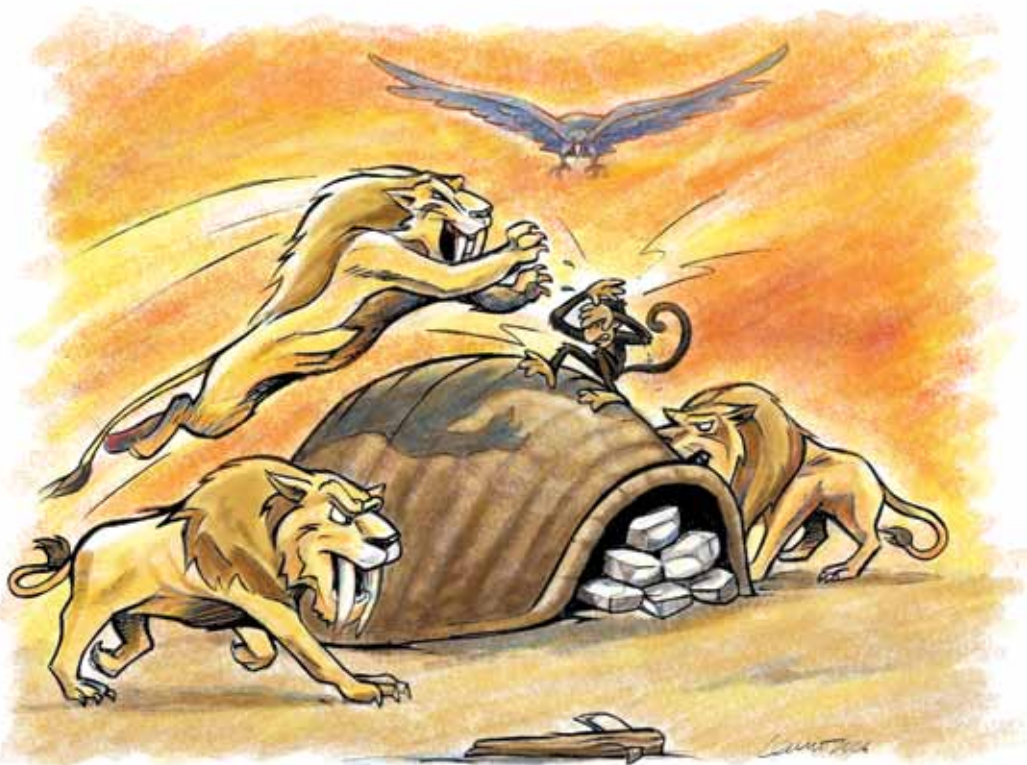
Ao se virar, não sabendo se sorria ou chorava, ele viu três leões babando, com o típico olhar faminto. Sem dúvida, eles não o estavam reconhecendo como um leão e sim como comida. Sem pensar duas vezes, o homínídeo largou tudo que segurava, inclusive o machado, e voltou a ser um macaquinho medroso: guinchou histericamente e saiu em disparada rumo à armadura, que se encontrava fechada com as pedras, não lhe restando outra opção senão subir em cima dela.

Os leões, tranquilamente, circundaram a armadura. Para eles, o homínídeo era uma comida extremamente fácil e qualquer um deles poderia abatê-lo com um simples salto. Aquele realmente deveria ser seu fim apoteótico. Aquele fim que ele imaginou quando foi perseguido pelos porcos. Agora ele não tinha o porrete, nem os cocos, aliás, não tinha nada nem para onde fugir. E, para piorar ainda mais a sua situação,

ao olhar para o céu, ele viu a águia gigante grasnando, com certeza esperando a fácil sobra de comida que os leões poderiam deixar.

Cabisbaixo e pronto para o fim, só restou ao hominídeo esperar a iniciativa de um dos leões. Pelo menos ele não poderia se queixar da vida que teve na savana. Pelo menos ele pôde sentir o que era ser um leão. Seu único lamento era não poder estar no lugar deles nessa hora e nunca ter tido coragem de enfrentar aquela águia, que ironicamente pairava sobre sua cabeça.

Nessa hora ele fechou os olhos, um dos leões pulou e todos os seus desejos acabaram naquele instante.



Décima parte

A águia

Era uma bela tarde aquela em que o hominídeo foi acordado por um grasnado. Ao abrir os olhos, o hominídeo viu ao seu lado a grande águia no solo, segurando com suas grandes garras o leão que avançara sobre ele.

Paralisado e sem entender nada, o hominídeo só conseguia contemplar a grande águia que, com outro grasnado forte, afugentou os outros dois leões sobreviventes, os quais saíram correndo desesperados com os rabos entre as pernas.

O hominídeo se perguntava se aquilo realmente estava acontecendo ou se era um sonho. Ele havia sido salvo pela águia gigante que ele tanto odiava e temia. E ela também caçava como um leão, aliás, ela não só caçava como eles, como os caçava também. Isso mudava toda a concepção de ideal de estilo de vida do hominídeo. A águia gigante era realmente o que ele buscava ser dali em diante, com sua coragem e liberdade sem limites, e não um mero leão limitado à savana e que também demonstrou temer a grande águia da mesma maneira que ele a temia quando criança. E foi exatamente nesse instante que ele compreendeu que desde o início a águia o respeitava como se ele fosse seu semelhante, já que ela nunca o atacou e, muito ao contrário,

salvou-o da morte certa. Naquele exato momento, então, ele passou a admirar não mais o leão e a savana, e sim o céu e a águia. Mal sabia ele que a grande ave apenas o salvou porque não queria perder a sua principal fonte de boca-livre na região, já que ele vivia presenteando-a com carne fresca de animais robustos. E depois, com três filhotes no seu ninho para alimentar, ela precisava de toda ajuda possível.

A águia olhou para ele, acenou com a cabeça e voou em seguida para as nuvens, levando consigo o leão em suas garras e deixando cair algumas penas gigantes de suas asas. “E além de tudo ela voa”, pensou o hominídeo naquela hora, segurando em sua mão uma das penas recém-caídas.



A partir daquele dia o hominídeo ficou obstinado em ser uma águia. Como ele queria poder segui-la, voando para o norte, como toda vez ele a via fazer.

O que faltava para ele ter essa vida livre e segura da águia? Praticamente tudo: ele não tinha um bico igual ao da águia, nem asas, nem penas, nem garras afiadas, tampouco sabia voar ou se equilibrar com duas pernas direito. Mas para ele isso poderia ser resolvido da mesma maneira como das outras vezes: imitando-a. E o primeiro passo seria aprender a voar. Para tanto, nos três dias seguintes, ele coletou o bico mais conservado e todas as penas de dodôs que conseguiu encontrar. Pegou duas varas de bambu da margem do lago e construiu uma asa extremamente rudimentar, enfiando as penas de dodôs – e também as que a águia deixara cair – em toda a extensão do bambu.

Por fim, na manhã do terceiro dia, ele se preparou para voar. Enfiou o bico de dodô em seu focinho e um monte de penas por entre a pelagem do seu corpo, enrolou o machado com a pele de cobra em sua cintura e segurou as duas asas, uma em cada mão. Agora ele tinha tudo de que a águia precisava para voar e não tinha como dar errado!

Confiante em alcançar as nuvens pela primeira vez, ele saiu correndo na savana de um jeito bípede e desengonçado, rumo ao norte, caindo no primeiro barranco logo depois de três passos. Mas aquilo não o frustrou; ele sabia que teria de ser persistente e tentou novamente, só que desta vez batendo as asas e caindo novamente depois de cinco passos. Reconstituindo-se, ele tentou de novo, desta vez olhando para cima, o que o fez tropeçar numa pedra logo após sete passos. Qualquer animal que visse aquele hominídeo tentando ser uma ave, parecendo mais

uma besta de outro mundo, acabaria tendo pesadelos horríveis todas as noites, com seres bípedes surgindo do nada e invadindo seu habitat. Esses seres acabariam com seu mundo, devorariam seus parentes e os que sobrevivessem seriam transformados em escravos. Eles, em seguida, ergueriam imensos blocos de pedras para morar, andariam em grandes armaduras e voariam como pássaros. Felizmente, apenas três animais tiveram esses sonhos terríveis, como veremos mais adiante.



No final da tarde, o hominídeo já era capaz de se espatifar no chão depois de trinta passos. Isso já era um bom avanço, considerando que ele, no começo do dia, só conseguia dar três passos bípedes sem cair. Podemos dizer que naquele dia ele havia dado trinta pequenos passos para um hominídeo e um grande salto para a humanidade.

Nos dias que se seguiram, todas as manhãs ele saía com sua fantasia de águia, rumo ao norte, obstinado em alçar voo, indo cada dia mais longe e voltando para casa frustrado com algumas raízes que encontrava pelo caminho. Durante três meses, ele tentou a façanha sem nunca ter sucesso, mas já conseguindo correr de forma bípede durante meia hora sem cair.

Até que, certa manhã, ele avistou a águia no céu, voando em direção ao norte. Ela provavelmente estava indo para sua casa – o local que o hominídeo sonhava um dia alcançar. Empolgado e estimulado, ainda mais com a visão da águia gigante, o hominídeo colocou as penas e o bico, pegou as asas de bambu, enrolou o machado na cintura e foi atrás da águia pela savana, sem tirar os olhos dela um momento sequer.

E foi assim que o hominídeo saiu correndo naquela manhã, crente que conseguiria, desta vez, alcançar a águia no céu. Durante uma hora seguida ele correu sem ao menos levantar um palmo sequer do chão e por várias vezes caiu, achando que poderia deixar por conta das mãos que, desengonçadamente, tentavam imitar o bater das asas da águia. Até que por fim, e para sua total desolação, ele perdeu a águia de vista, ao passar atrás de umas árvores secas no horizonte. Nesse instante ele desistiu de correr, totalmente exausto e frustrado, pois nem dessa vez, vendo como a águia fazia, ele havia sido capaz de aprender a voar.

Triste e decidido a voltar para casa, ele deu mais uma última olhada em direção ao norte, focalizando desta vez as malditas árvores secas que bloquearam a sua visão da águia no horizonte. Aquelas árvores, para seu espanto, pareciam muito familiares para ele. E de fato eram! Ele apertou os olhos, para ver se eles não estavam pregando uma peça nele, mas para seu segundo espanto aquelas eram de fato as principais árvores do seu tão sonhado bosque. Numa delas, inclusive, ele havia morado e não tinha como não reconhecê-la. Sem querer, naquele dia guiado pela águia, ele encontrou o bosque que há tantos anos ele deixara para trás, montado naquela zebra maluca, e que durante todo esse tempo vinha tentando encontrar.

O bosque já não tinha mais o mesmo encanto de antes, muitas árvores já não estavam mais de pé e o rio volumoso havia se transformado num córrego quase seco. Isso o deixou meio perturbado, e ele não sabia se pulava de alegria ou chorava de tristeza. Foi nessa hora que ele avistou uns macacos nos galhos altos e, tomado de uma intensa euforia, saiu correndo entusiasmado ao encontro deles, guinchando com toda alegria do mundo, fazendo com que todos os macacos e animais próximos reparassem nele.

Sua felicidade era tão grande que, optando por chorar de alegria em vez de pular, ele não enxergou – ofuscado pelas lágrimas que corriam dos seus olhos – os três leões que viviam de tocaia embaixo das árvores e que olhavam para aquela besta, que mais parecia um filhote de águia gigante chorando desesperadamente por comida, correndo em sua direção. Os macacos, apreensivos com o bicho novo que se aproximava, se entreolhavam tentando ver se alguém sabia o que diabos era

aquilo. Assim, quando o homínideo se aproximou, os leões – não tendo mais dúvidas de que aquela criatura horrenda, vindo em sua direção, só poderia ser o filhote de uma espécie nova de águia gigante devoradora de leões – saíram correndo assustados, com os rabos entre as pernas, para o mais longe possível. Infelizmente para os leões, foram eles os três animais que sofreriam com aqueles pesadelos terríveis, todas as noites, até o final de suas vidas.

Os macacos, vendo os seus predadores fugindo do bicho, começaram a pular e guinchar de alegria, festejando a possibilidade de os leões nunca mais aparecerem e eles se sentirem finalmente vingados. Mas logo toda aquela alegria se reverteu em pânico e histerismo total, quando eles perceberam que o bicho havia jogado fora as asas e estava agora escalando a árvore onde moravam.

O homínideo, não acreditando que estava novamente em sua árvore, ficou ainda mais surpreso ao reconhecer a macaquinha, que ele tanto sonhou namorar, morando com o grupo ali na mesma árvore que ele estava escalando. Para desespero da macaquinha, ele começou a segui-la, até que conseguiu agarrar a mão dela, fazendo-a guinchar histericamente. Isso fez com que todo o bando entrasse mais ainda em pânico, pois se aquele bicho, aparentemente carnívoro e com uma habilidade incrível de subir em árvores, realmente existia, eles não mais estariam seguros em nenhum local do pequeno mundo que conheciam.

Crentes que estavam vendo o começo do apocalipse, os macacos esperaram pelo pior, mas o que se seguiu foi algo revelador. O homínideo, ao segurar na mão da macaquinha, tirou o bico, sacudiu as penas do corpo e se declarou com um gesto romântico para ela, oferecendo-lhe uma pena da águia gigante.

Foi aí que todos o reconheceram. Aquele era o macaquinho caduco! Agora mais caduco ainda por se achar uma águia! O que confundiu a zebra com alguma fruta!, lembraram-se os mais velhos e a macaquinha que, aliviada, olhava para ele, pasma. Todos estavam boquiabertos, pois aquele macaquinho, raquítico e caduco, havia se transformado em um macaco forte, um tanto hominídeo, para delírio das macaquinhas, que agora o viam como um grão-primata-mor.

Sem perder tempo, o hominídeo, notando o estado deplorável de seus parentes e vendo que as árvores não ofereciam mais nenhum fruto, desceu ao solo e convidou todos a fazerem o mesmo. Porém, desconfiados e com medo, nenhum deles desceu, pois parecia ser mais prudente continuar na árvore, mesmo com fome, do que seguir um macaquinho caduco que parecia estar mais caduco do que antes. No entanto a macaquinha, impressionada com a segurança do hominídeo e encantada com seu gesto romântico, resolveu descer. A verdade é que ela estava tomada por uma paixão repentina, o que faz mesmo qualquer um cometer loucuras. Depois disso, motivados pela “coragem” da macaquinha, todos resolveram encarar o risco de descer para então seguir os passos do primeiro hominídeo na face da Terra, em sua jornada épica pela savana, só que dessa vez levando todos seus semelhantes para muito mais longe do que seus sonhos poderiam imaginar.

Décima primeira parte

O espírito humano

E foi assim que aquele único macaquinho, raquítico e atrapalhado, salvou o último grupo de ardipithecus da extinção certa, cerca de cinco milhões de anos atrás.

Naquele mesmo dia, o hominídeo os levou para a sua casa. Ensinou-os a usar um galho como porrete, pá e machado, e as pedras para cortar. Ensinou-os a comer raízes saborosas, frutas exóticas e carne de dodôs. Logo ele viria a ocupar o tão sonhado posto do grão-primata-mor, que passava a ser representado não mais pelo mais forte do grupo, e sim por aquele que conseguisse andar de forma bípede por mais tempo – o que de fato facilitava na tarefa de trazer grandes quantidades de raízes. A propósito, quanto mais raízes um hominídeo trouxesse para sua casa, maiores as chances de ele ter sucesso com as hominídeas, que, por não poderem andar longas distâncias carregando os filhos ou estando prenhas, dependiam totalmente das raízes e dos cuidados dos hominídeos. Como era praticamente impossível satisfazer as necessidades de mais de uma hominídea e seus filhos, já que as raízes não eram tão abundantes como as folhas e frutos do bosque, os hominídeos acabavam por escolher apenas uma única parceira ao

longo de toda sua vida – mesmo em se tratando do grão-primata-mor. – Foi assim que surgiu a família e a figura dos pais, que por sinal carregariam para sempre uma nova responsabilidade: além de alimentar e proteger os filhos, teriam de ensiná-los como viver naquele meio ambiente totalmente fora dos padrões, usando e criando ferramentas, inspiradas nos bichos da savana, para cada novo desafio.

Depois de três anos após ter encontrado seus semelhantes, o homínideo, já com três filhos, saiu de manhã para levar seu filho mais novo para outro dia de treinamento. Ele queria que seu filho seguisse seu sonho, e para isso ele o levou para um penhasco próximo, a fim de compartilhar uma coisa que só seus filhos teriam o privilégio de ver. O homínideo naquele dia pretendia mostrar algo que seu filho jamais havia visto de perto, e para tanto precisava carregar um dodô, amarrado em seu machado, até o penhasco mais próximo.

Ao chegar à beira do penhasco, o homínideo parou por um instante, olhou para o céu – como se analisasse as condições meteorológicas do dia –, olhou para baixo, deu um sorriso para o filho e arremessou em seguida o dodô distraído, ribanceira abaixo, para espanto do seu filho e do próprio dodô, que pela primeira vez parecia entender a finalidade daquelas asas que ele nunca usara para nada. Mesmo assim, batendo freneticamente as asas em vão, o dodô sumiu cada vez mais no fundo do abismo.

Por um instante, seu filho pensou que veria o dodô voar, porém, quando ele já estava achando que não veria nada, o que apareceu em seguida não havia guinchos que ele pudesse usar para descrever.

Vindo de baixo do desfiladeiro e passando quase rente às suas cabeças, como um avião decolando, surgiu uma imensa águia com o pobre dodô em uma de suas garras, indo direto em direção às nuvens, para delírio total do filho do homínideo. Por um tempo ele ficou boquiaberto e assombrado com o que acabara de ver, mas esse estado atônito logo se reverteu em euforia. Assim, tomado por uma alegria e vontade sem limites, ele saiu correndo atrás da águia, imaginando que em breve, com os ensinamentos de seu pai, estaria voando igual a ela por entre as nuvens, neste mundo livre, onde os sonhos pareciam não ter limites.

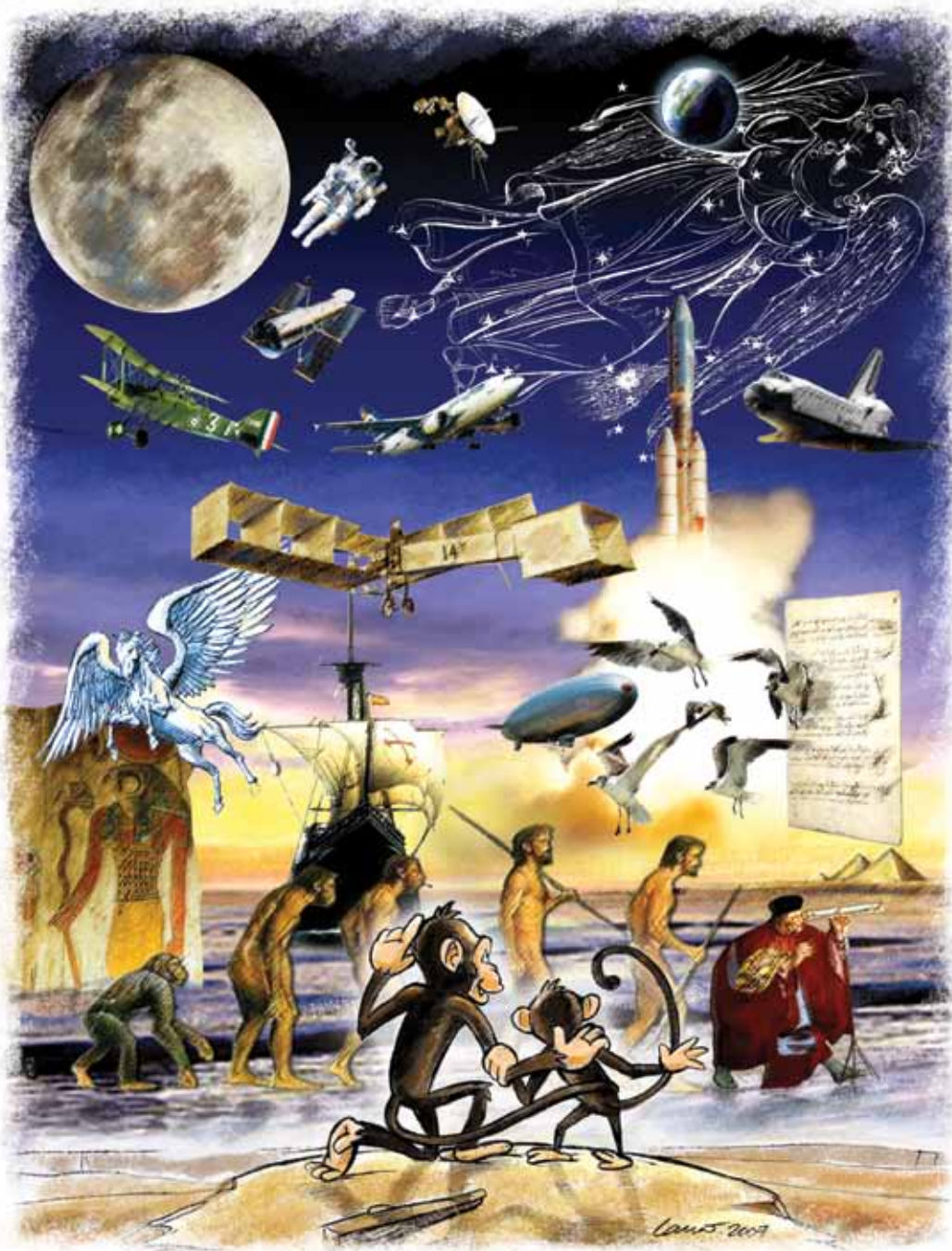
E foi seguindo esse sonho que os homínideos evoluíram e se transformaram nos Homo Erectus, os quais, em sua tentativa de voar, aprenderam também a navegar no mar – dessa vez com a ajuda de muitos pauzinhos. E logo não haveria mais nenhum lugar na terra que não fosse habitado por um dos descendentes do macaquinho do bosque, pois saindo da África, o Homo Erectus, mesmo não sabendo voar, se espalhou pelo mundo, evoluindo para uma espécie única na natureza, e que de tão única achou que, por direito, seria a única espécie que poderia sonhar: o Homo Sapiens – ou melhor, o ser humano. E é dessa maneira que a humanidade continua a evoluir, nunca deixando de olhar para o céu, guiando-se sempre pelo Sol, pela Lua, pelas estrelas e pelas aves migratórias, para nortear o rumo do navio, o dia de plantio ou mesmo para prever o futuro.

Muitos homens, ainda, viriam a sonhar através de lendas como as de Pégasus; muitos idealizariam uma máquina voadora, como

Leonardo da Vinci o fez em seus desenhos; até que finalmente, depois de cinco milhões de anos, Santos Dummont conseguiu, com seu 14 Bis, demonstrar ao mundo como voar como uma águia gigante.

E mesmo hoje, vendo que o céu não é esse lugar seguro e perfeito, idealizado pelo macaquinho, continuamos a olhar para o céu e a sonhar, com o mesmo espírito sonhador do macaquinho do bosque. A espécie humana já descobriu que nem na Lua é possível encontrar este lugar ideal, pois lá não há nada além de areia, como é possível perceber na primeira pegada do astronauta Neil Armstrong em nosso satélite natural. Só que hoje olhamos para além do céu, em imensos telescópios, procurando por uma estrela que possamos alcançar com um foguete, em torno da qual gire um planeta onde haja água em abundância, um sol ameno, bastante oxigênio, nenhuma poluição e um bosque onde a vida possa florescer com relativa paz, liberdade e segurança.

Enfim, procuramos hoje, perdido no espaço, um planeta perfeito, igual ao nosso, tal como os ardipithecus tinham há cinco milhões de anos atrás – como era a Terra antes dos sonhos impossíveis, antes que perdessemos nossa verdadeira natureza, como ela era quando apenas vivíamos, em vez de sonhar.



Essa aventura não acaba por aqui. Você poderá brincar, descobrir e criar suas próprias teorias sobre a evolução do homem e dos seres vivos acessando:

www.anaturezaperdida.com.br

Este livro foi composto em Rotis Semi Serif 11/18
e impresso na Imprint Gráfica em papel Offset 90g²



ISBN 978-85-911449-0-7



9 788591 144907

Laurie 2006